

Quem teme Pedro Castillo?

Via [Viento Sur](#)

O que aconteceu nas eleições peruanas é talvez o mais próximo da “tempestade nos Andes” anunciada por Luis E. Valcárcel em um livro agora clássico com um prólogo de José Carlos Mariátegui. Atraído pela ideia do “mito”, Mariátegui terminou escrevendo: “E não importa que para alguns sejam os fatos que criam a profecia e para outros é a profecia que cria os fatos”.

O que aconteceu em 6 de junho passado certamente não é uma revolta indígena como a imaginada por Valcárcel, nem como a imaginada por Mariátegui, como a parteira do socialismo. Mas foi uma revolta eleitoral do profundo Peru andino, cujos efeitos abrangeram todo o país.

Pedro Castillo Terrones está longe de ser um messias, mas apareceu no pleito eleitoral “do nada”, como se ele fosse um. Com os resultados de domingo, ele está prestes a se tornar o presidente mais improvável. Não porque ele seja um forasteiro – o país está cheio deles desde que o “chinês” Alberto Fujimori tomou o poder em 1990, depois de derrotar Mario Vargas Llosa – mas por causa de sua origem de classe: ele é um camponês de Cajamarca ligado à terra que, sem nunca abandonar essa ligação com a montanha, superou várias dificuldades e se tornou um professor rural; nos debates presidenciais ele encerrou seus discursos com a frase “palavra de professor”.

Da profissão docente, Castillo saltou para o cenário nacional em 2017, com uma greve combativa dos professores contra a própria liderança sindical. Um documentário recente, intitulado precisamente “O professor”, dá várias pistas sobre sua própria pessoa, sua família e seu ambiente. Ao contrário de Valcárcel, cujo indigenismo foi inserido na disputa das elites – a cuzqueña andina e a limeña “branca” – Castillo vem

de um norte muito mais marginal em termos de geopolítica peruana. Sua identidade é mais “provincial” e camponesa do que estritamente indígena. De lá ele conquistou o eleitorado andino do sul e também atraiu, embora em menor grau, o voto popular em Lima.

É por isso que, quando Keiko Fujimori aceitou o desafio de ir ao debate na cidade de Chota e disse com repulsa: “Eu tinha que vir até aqui”, a frase permaneceu como um dos contratempos de sua campanha. Castillo tinha conseguido levar a política para fora de Lima e para os cantos longínquos e isolados do país, que ele percorreu um a um em sua campanha com um lápis gigante em suas mãos.

A explosão de Castillo no primeiro turno – com quase 19% dos votos – gerou uma verdadeira histeria nos setores afluentes da capital. E, de acordo com a moda atual do anti-comunismo zumbi, ele foi expresso em um “Não ao comunismo” generalizado, manifestado até mesmo com cartazes gigantescos nas ruas. Também não faltou o racismo. O Peru parece ser menos tímido em expressá-lo em público do que os países vizinhos Equador ou Bolívia.

Por exemplo, o jornalista “polêmico” Beto Ortiz expulsou a deputada do Perú Libre Zaira Arias de seu programa de televisão, mostrando que o “politicamente correto” não alcançou setores das elites de Lima. Em seguida, ele a chamou de “verdureira” e mais tarde se disfarçou de índio – com seu histrionismo atual – para receber sardonicamente o “novo Peru” de Pedro Castillo.

A candidatura de Castillo foi também uma constante vítima do “terruqueo” (acusação de ligações com o terrorismo) por suas alianças sindicais durante a greve dos professores e, sem experiência prévia na arena eleitoral, sua própria tropeça em entrevistas.

Como Alberto Vergara escreveu no New York Times: “Aqueles que

usaram mais traiçoeiramente a política do medo foram os do campo pró-Fujimori, as classes altas e a grande mídia. Os empresários ameaçavam demitir seus trabalhadores se Castillo ganhasse; os cidadãos comuns prometiam demitir seus empregados domésticos se optassem pelo Peru Libre; as ruas estavam cheias de sinais invasivos pagos pelos empresários alertando sobre uma iminente invasão comunista”. Até mesmo Mario Vargas Llosa abandonou seu tradicional anti-Fujimorismo – para o qual ele havia inclusive chamado para votar em Ollanta Humala em 2011 – e decidiu dar uma chance a um candidato com o sobrenome de Fujimori.

Castillo está longe de vir de uma cultura comunista. Ele passou vários anos na política local sob a bandeira do Perú Posible, o partido do ex-presidente Alejandro Toledo, e embora tenha concorrido ao Perú Libre, ele não é um orgânico deste partido, que nasceu originalmente como Perú Libertario. Peru Libre se define como “marxista-leninista-mariateguista”, mas muitos de seus candidatos negam que sejam “comunistas”.

O líder do partido Vladimir Cerrón definiu o movimento que se alinhava atrás de Castillo como uma “esquerda provincial”, em oposição à esquerda “caviar” em Lima. Castillo é um católico “evangélico compatível”: a sua esposa e filha são participantes activos na Igreja Evangélica do Nazareno e ele próprio se junta às suas orações. Na campanha ele posicionou-se repetidamente contra o aborto ou casamento igualitário, embora hoje vários dos seus técnicos e conselheiros sejam provenientes da esquerda urbana liderada por Verónica Mendoza, com visões sociais progressistas. Será necessário ver como estas tendências coexistem no futuro governo de Castillo, o que não se espera que seja fácil.

Castillo define-se também como um “rondero”, em referência às patrulhas camponesas criadas em Cajamarca nos anos 70 para enfrentar o roubo de gado, que mais tarde foram replicadas em todo o país nos anos 80 para enfrentar os guerrilheiros do Sendero Luminoso, e que muitas vezes funcionam como uma

autoridade no campo.

A incerteza de um futuro governo Castillo não tem que ver, precisamente, com a constituição de uma experiência comunista de qualquer natureza. Uma “venezuelanização” como anunciada pelos seus detractores também parece muito improvável. As Forças Armadas não parecem ser facilmente subsuficientes, o peso parlamentar do Castillismo é escasso, as elites económicas são mais resistentes do que num país puramente petrolífero como a Venezuela e a estruturação do movimento social não antecipa um “nacionalismo revolucionário” do tipo chavista ou cubano.

As declarações do “prof. Castillo” mostram um certo desprezo plebeu pelas instituições, pouca clareza sobre a direcção do governo e visões de repressão do crime que promovem a extensão da “justiça de rondera” ao resto do Peru (que muitas vezes impõe vários tipos de punições aos que cometem crimes) mas também incluem discursos de punho de ferro, como se viu nos debates eleitorais.

A presença no governo da “outra esquerda” – urbana e cosmopolita – pode funcionar como um equilíbrio virtuoso entre o progressista e o popular, embora seja também uma fonte de tensões internas. Alguns comparam Castillo a Evo Morales. Há, sem dúvida, simbologias e histórias partilhadas. Mas também há diferenças. Uma é puramente anedótica: em vez de exagerar os seus feitos numa chave meritocrática, Morales afirma não ter concluído o ensino secundário (embora alguns dos seus professores afirmem o contrário). O outro é mais importante para os propósitos do governo: o ex-presidente boliviano chegou ao Palácio Quemado em 2006 após oito anos como chefe do bloco parlamentar do Movimento Rumo ao Socialismo (MAS) e a experiência de uma campanha presidencial em 2002, para além de ter atrás de si uma confederação de movimentos sociais com forte peso territorial, articulados no MAS. Castillo tem, por agora, um partido que não é o seu e um apoio social/eleitoral que ainda é difuso.

O “medo branco” de Castillo está ligado, mais do que a um perigo real de comunismo, à perspectiva de perder o poder num país onde as elites tinham evitado a viragem para a esquerda na região e cooptaram aqueles que ganharam com programas reformista como Ollanta Humala. Para o colocar de uma forma mais “antiquada”: o “medo branco” é da perspectiva de um enfraquecimento do gamonalismo, uma vez que o sistema de poder construído pelos proprietários das fazendas antes da reforma agrária foi chamado no Peru, e que durou de outras formas e modos no país. Ninguém sabe se as elites também serão capazes de cooptar Castillo, mas neste caso existe um fosso de classe mais profundo do que no passado e o cenário é mais geralmente menos previsível. A “surpresa Castillo” é demasiado recente e, em muitos aspectos, é desconhecido até mesmo para aqueles que serão seus colaboradores.

Possivelmente, a tempestade eleitoral anunciará a vinda de outros, se as elites quiserem continuar a governar como se habituaram a fazer.